

**A Antroponomástica Comparada
Comparative Anthroponomastics**

Márcia Sipavicius Seide

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

<https://orcid.org/0000-0003-2859-1749>

Marcia.Seide@unioeste.br

Resumo

O surgimento dos estudos onomásticos na Europa remonta ao século XIX, quando os estudos das línguas privilegiavam as abordagens oriundas da Filologia e da Gramática Comparada. O interesse pela comparação de antroponímias de línguas e/ou culturas diferentes, contudo, é mais recente e ainda mais a percepção de que estudos desta natureza formam uma subárea específica a que chamo de Antroponomástica Comparada. Neste trabalho, elucidado como esta subárea se configura tanto do ponto de vista teórico e epistemológico, quanto do ponto de vista pragmático e aplicado. Para tanto, apresento resultados de pesquisa bibliográfica baseada em 16 trabalhos completos publicados em congressos internacionais de Onomástica de 2011 a 2018 e 06 pesquisas realizadas por mim e/ou colegas nessa área totalizando 22 estudos.

Palavras-chave: Onomástica; Antroponomástica; Antroponomástica Comparada.

Abstract

The emergence of onomastic studies in Europe dates to the 19th century when language studies were made according to the approaches of Philology and Comparative Grammar. The interest in comparing anthroponymies of different languages and/or cultures, however, is and even more more recent the perception that studies of this nature form a specific subarea that I call Comparative Anthroponomastics. In this work, I elucidate how this subarea is configured from theoretical, epistemological, pragmatical and applied points of view. To this purpose, I present results of bibliographic research based on 16 complete papers published in international congresses of Onomastics from 2011 to 2018 and 06 researchers conducted by me and/or colleagues in this area totaling 22 studies.

Keywords: Onomastics; Anthroponomastics; Comparative Anthroponomastics.

Percebi a existência da subárea da Antroponomástica Comparada quando fiz uma revisão de literatura baseada numa amostra de artigos publicados nos Anais do 24º. Congresso Internacional das Ciências Onomásticas (ICOS) realizado em Barcelona em 2011 (SEIDE, 2016). Então, analisei uma amostra de 33 artigos publicados. Nessa amostra, identifiquei as seguintes : Mutsukawa (2014) , Gudurić (2014) e López-Franco (2014).

O estudo de Gudurić (2014) foi sobre como os prenomes franceses são adaptados à língua sérvia, do ponto de vista morfológico e fonético, em textos traduzidos da língua francesa para a língua sérvia. Como a tradução requer o conhecimento tanto da língua de partida, quanto da língua de chegada, a comparação dos sistemas antroponímicos é necessária à prática tradutória, sendo esta uma das aplicações da Antroponomástica Comparada.

Outra aplicação deste tipo de estudo está relacionada ao ensino de línguas estrangeiras. Mutsukawa (2014) fez um estudo comparativo motivado pelo propósito pedagógico de ensinar inglês para estudantes japoneses e o idioma japonês para falantes nativos de inglês. Em seu artigo, o pesquisador japonês descreve e compara as características fonológicas e semânticas dos nomes próprios masculinos e femininos nos idiomas envolvidos para entender como se dá a indicação de gênero gramatical do prenome, isto é, se o prenome é feminino ou masculino.

Também comparando sistemas antroponímicos pelo viés linguístico, López-Franco (2014) fez um estudo comparativo dos prenomes mais frequentes em duas cidades: Montpellier, na França, e Tlalnepantla de Baz, no México. Sua pesquisa foi feita com base em amostras de certidões de nascimento de cidadãos que nasceram em 1970 e em 1975 em cada localidade e se concentrou no número de constituintes dos prenomes em cada *corpus*.

Nesta primeira aproximação à area da Antroponomástica Comparada, percebi que há motivos práticos relacionados à tradução e ao ensino de línguas estrangeiras que podem

motivar a comparação de diferentes sistemas antroponímicos. Existem também interesses mais teóricos relacionados à

obtenção de resultados não apenas sobre a origem e o desenvolvimento das línguas, mas também sobre suas características as quais podem ser vistas como universais ou peculiares a cada idioma e cultura. De maneira semelhante, contrastar diferentes normas sociais sobre os prenomes das pessoas pode levar a uma melhor compreensão de características comuns e distintas de nomes e seu uso entre idiomas e culturas.(SEIDE & PETRULIONĖ, 2018 :1203) ¹(trad. minha)

Pensando nas pesquisas já realizadas no âmbito da tradição da Linguística Comparada e na Dialectologia, pode-se pensar, também, que uma comparação linguística pode envolver línguas e culturas próximas ou línguas e culturas distantes. Além disso, as línguas envolvidas podem ou não estar em contato. No primeiro caso, este contato linguístico pode advir de proximidade geográfica (países fronteiriços ou que estão perto um do outro) ou ser resultado de processos migratórios. Além disso, uma comparação pode ser feita de modo diacrônico, sincrônico ou pancrônico. A análise de dados, por sua vez, pode ser feita um ponto de vista estritamente linguístico, ou envolver outras disciplinas como a História, a Antropologia, o Direito, entre outras.

Ressalto que as características teóricas e metodológicas do projeto apresentado por Bramwell (2016) seguem de perto o paradigma que denomino como sendo relativo à Antroponomástica Comparada e de viés antropológico. A pesquisadora realizou 60 entrevistas semi-estruturadas em cinco comunidades diferentes da Escócia: enquanto três são formadas por populações autóctones, tradicionais e bilíngues (em uma delas há falantes dos idiomas Gaélico Escocês e Inglês, e, em outra, do dialeto dórico e do Inglês), uma é formada por migrantes paquistaneses e seus descendentes que vivem no país há gerações e outra é constituída por imigrantes recentes que buscaram asilo no país por serem refugiados políticos.

¹ “obtain results not only about the origin and development of languages, but also about their features which might be seen either as universal or as peculiar to each language and culture. In a similar manner, contrasting different social norms concerning people’s first names can lead to a better comprehension of common and distinct features of names and their usage across languages and cultures.”

A natureza comparativa e antropológica da pesquisa é evidenciada pelo seguinte trecho do artigo no qual ela afirma que:

A orientação metodológica do projeto é influenciada pelo antropólogo, linguista e sociolinguista Dell Hymes e seu interesse tanto nas complexidades da linguagem quanto na comparação entre culturas. A preocupação principal da abordagem de Hymes está em abordar o estudo da linguagem sempre concebendo-a a partir do contexto cultural do qual ela emerge. Hymes (1968) acredita que o uso de métodos qualitativos de análise não significa a rejeição de estudos comparados e que a análise qualitativa, inclusive, “insiste no refinamento da base empírica do estudo comparativo ao fornecer descrições mais seguras e válidas dos sistemas individuais dos quais o estudo comparativo depende”.² (BRAMWELL, 2016:713 trad. minha).

Os objetivos do projeto de pesquisa de Bramwell, coerentemente, também ressaltam o viés comparado, cultural e antropológico de sua pesquisa. Os objetivos gerais são “a produção de um modelo empírico de pesquisa antroponímica mediante investigação abrangente de vários sistemas de nomeação de pessoas e desenvolvimento de um estudo intercultural da nomeação de pessoas” e a “a investigação de possíveis relações entre sistemas de nomeação, estrutura social e contato cultural”³(BRAMWELL, 2016: 712, trad. minha).

Suas perguntas de pesquisa, por sua vez, esclarecem a contribuição de pesquisas antroponímicas para os estudos culturais sobre migração, fenômeno que coloca lado a lado pessoas, línguas e culturas. É o que indicam os seguintes questionamentos de Bramwell: “O que acontece quando um conjunto de tradições de nomeação enfrenta competição com outro conjunto de tradições?” e “Os sistemas de nomeação podem dar alguma indicação sobre o

²The methodological orientation of the project is influenced by the sociolinguist/linguistic anthropologist Dell Hymes and his interest both in the intricacies of language and in crosscultural comparison. The central concern of Hymes’s approach to studying language has always been to view it in its contextual and cultural framework. Hymes (1968) believes that using qualitative methods does not have to mean a rejection of comparative study, and that qualitative analysis even “insists on refining the empirical basis of comparative study, by providing more surely valid descriptions of the individual systems on which comparative study must depend.”

³ “To produce a model of empirical anthroponymic research by investigating several personal naming systems in a comprehensive way and developing a cross-cultural study of personal naming. To investigate possible links between naming systems, social structure and cultural contact.”

nível de assimilação de comunidades de imigrantes?”⁴ (BRAMWELL, 2016: 713, trad. minha).

Em busca de mais pesquisas antroponímicas de viés comparado, busquei os Anais relativos aos congressos realizados pelo ICOS em 2016 e em 2018 e também os Anais relativos a outro evento internacional da área, a Segunda Conferência Internacional em Onomástica, realizada na Romênia em 2013.

Um exemplo de pesquisa comparada que relaciona língua, história e cultura é a de Shokhenmayer (2016) que faz uma análise comparativa dos cem sobrenomes russos, franceses, germânicos e britânicos mais frequentes. Os resultados quantitativos de sua pesquisa são analisados linguisticamente, a partir do significado etimológico dos sobrenomes, e, historicamente, mediante correlações entre as características da história medieval de cada região da Europa e os tipos de sobrenomes mais usuais. Sobrenomes alemães, por exemplo, são os que contam com um percentual maior de nomes que se referem a profissões, fato que é correlacionado pelo pesquisador à influência da Liga Hanseática criada na Alemanha no século XII. Algumas das semelhanças encontradas entre os sistemas de sobrenomes são relacionados a universais linguísticos: “Quase em todos os lugares, os apelidos refletem características externas (cor, altura) e propriedades internas (personalidades, estilos de vida)⁵”. Outros o são pelas características comuns à história medieval europeia: “os nomes de família, em sua maioria, denotam atividades relacionadas à metalurgia (...) à panificação (...) e

⁴ What happens when one set of naming traditions faces competition from another? How do people coming together from many naming traditions use names? ·Can naming systems give an indication of the level of assimilation of immigrant communities?

⁵ Almost everywhere nicknames reflect external characteristics (colour, height) and inner properties (character, livelihoods).

aos cuidados com os cavalos (...) e à religião⁶”. (SHOKHENMAYER, 2016: 231)
(trad.minha)

A pesquisa bibliográfica que empreendi também mostrou a existência de pesquisas relacionadas à investigação do impacto de processos migratórios recentes nos países europeus e abrangem nomes, línguas, culturas que se puseram em contato por causas desses movimentos. As pesquisas relatadas a seguir estão nesta categoria.

Szabó (2018) investigou, mediante entrevistas, a escolha de prenomes por migrantes húngaros de primeira e segunda gerações residentes na França, com base em dados gerados nos anos de 2007 e 2010. As entrevistas se centraram na escolha de prenomes de crianças nascidas em dois períodos: de 1980 a 1995 e de 1995 a 2010. Sua pesquisa se baseou no estudo de uma amostra de 110 prenomes cuja escolha, por parte dos pais, foi investigada mediante entrevistas aos pais ou aos próprios nomeados. Tanto por se respaldar em pesquisa de campo, quanto por partir do princípio de que a escolha de nomes faz parte do processo pelo qual os pais sinalizam a identidade desejada para o filho sua investigação pode ser incluída como pertencente ao paradigma na Socio-Onomástica. Apesar de se tratar de pesquisa da escolha antroponímica em contextos migratórios bilíngues, não há um aprofundamento nas diferenças e nas semelhanças linguísticas e culturais dos sistemas antroponímicos em contacto.

Walkoviak (2018a), por sua vez, apresentou um panorama dos desafios enfrentados em países europeus no que tange ao direito ao nome e ao seu registro tanto por parte de minorias linguísticas residentes nos países membros da União Europeia, quanto por migrantes não europeus que vivem na região. Sua pesquisa incluiu uma descrição do modo como alguns países da Europa têm tentado lidar com estes desafios através da implementação de políticas linguísticas atroponomásticas cada vez mais liberais. De acordo com a análise apresentada, os

⁶ (...) family names mostly denote the metalworking (*Кузнецов, Ковалёв, Lefèvre, Schmied, Smith*) bread making (*Мельников, Baker, Fournier, Bäcker*), horse serving (*Коновалов, Chevalier, Marshall, Roßmann*) and religion (*Попов, Пономарёв, Lemoine, Bell, Palmer, Kirchner*) as pillars of the medieval society

desafios são maiores quando estão em jogo diferentes alfabetos (como no caso dos alfabetos grego, árabe e cirílico), normas antroponímicas de uma língua sem equivalentes em outras línguas (por exemplo, nomes civis constituídos pelo prenome e dois sobrenomes na língua portuguesa e na língua espanhola e uso de patronímico no nome civil dos russos) e, especificamente, no que concerne às línguas do ramo báltico (a saber o Leto e o Lituano), o uso de sobrenomes femininos indicadores de estado civil (por exemplo, enquanto uma filha solteira tem o sobrenome Sipavičiute, uma mulher casada com um Sipavičius, passa a chamar-se Sipavičienė).

Se, de um lado, a pesquisadora observa uma tendência em direção à padronização dos nomes civis na Europa, com extinção de características peculiares a um idioma, de outro, não se descarta a possibilidade de as relações existentes entre língua, história e nacionalismo funcionarem como um contrapeso a esta tendência. Como quer que seja, sua pesquisa ilustra, exemplarmente, a importância e aplicação da Antroponomástica Comparada na Europa hoje em dia. Sua pesquisa mostra que, tendo em vista os fluxos migratórios cada vez mais frequentes, diversas normas antroponímicas se veem frente a frente e surge a necessidade de estudo e pesquisa comparativas sobre essas normas para que se encontrem soluções para quando existem normas conflitivas ou usos peculiares a apenas uma nação ou a uma minoria linguística de um país.

Outra pesquisa deste tipo é a proposta por Frändén (2016) que apresenta um projeto de pesquisa focado nos sobrenomes imigrantes presentes no sistema antroponímico sueco. Seu projeto prevê pesquisa documental e entrevistas a portadores do nome e falantes cultos (professores universitários) dos idiomas envolvidos. Em pesquisa anterior, ela havia constatado que os sobrenomes imigrantes mais frequentes são provenientes das seguintes línguas: árabe, finlandês, sérvio croata ou bósnio, turco, espanhol, chinês, persa, albanês, vietnamita, húngaro e polonês. Diferentemente de outras pesquisas envolvendo processos

migratórios, a preocupação da pesquisadora está em saber como os sobrenomes são incorporados ao repertório de sobrenomes da Suécia.

A pesquisadora esclarece que considera serem sobrenomes imigrantes aqueles que não estavam presentes num censo realizado no país em 1920 e que é usado por, pelo menos, 100 pessoas. Seu interesse está em investigar se e como os sobrenomes passaram por um processo de suedificação de pronúncia e/ou grafia, se os portadores desses nomes se identificam com a forma modificada de seus sobrenomes e se há formas paralelas do nome em uso segundo o contexto, isto é, se a forma original do sobrenome é usada em contextos familiares e a forma modificada em contextos não familiares.

Há também outras investigações que focam os processos migratórios, mas não se limitam àqueles que ocorrem na atualidade. Para investigar como prenomes e sobrenomes de origem polonesa são registrados na Lituânia, Walkowiak (2016) leva em consideração questões que se centram na ideologia, na ideologia linguística, na política linguística e na prática linguística propriamente dita e adota um viés pancrônico. Em sua pesquisa, ela recupera políticas linguísticas anteriores vigentes no país desde a união das nobrezas lituana e polonesa na idade média até a dissolução da União Soviética no começo da década de 1990; apresenta as regras de lituanização de nomes estrangeiros atualmente em vigor, compara registros atuais de nomes com as formas atualmente prescritas, e aponta divergências entre a prescrição e os registros dos nomes poloneses.

Em pesquisa posterior, Walkowiak (2018b) foca a adaptação dos sobrenomes lituanos à língua polonesa no que se refere à grafia e à morfologia dos sobrenomes e traz importantes reflexões sobre a presença de sobrenomes de origem lituana na Polônia cuja presença se justifica tanto por razões históricas a partir da idade média, até os dias de hoje. Com base em análises linguísticas aprofundadas de documentos escritos, seu estudo é um exemplo de como

se pode desenvolver pesquisas comparativas nas quais as línguas em contato são analisadas com igual profundidade.

Jordà, Pujadas Mora e Cabré (2016), por sua vez, investigam o impacto de movimentos migratórios na antroponímia de um ponto de vista histórico. Esses pesquisadores apresentam uma análise estatística e linguística de dados de certidões de casamento arquivados na catedral de Barcelona que datam de 1451 a 1905. Em sua pesquisa, a análise etimológica, linguística e estatística dos sobrenomes é correlacionada com as ondas migratórias que foram alterando o perfil populacional da cidade. Nesta investigação, são comparados nomes escritos nas línguas castelhana, francesa, occitânia, catalã e galega. Por se tratar de comparação entre línguas semelhantes, há muitos casos de homonímia de sobrenome, adaptação ortográfica ou tradução.

Contudo, a questão pretérita sobre como os sobrenomes se deveriam ser registrados não é muito diferente daquelas com que se defrontam as nações europeias quando criam políticas linguísticas que procuram dar uma resposta aos desafios que se colocam pelas recentes ondas migratórias que atingem o continente. Explicam os autores que

um escriba catalão poderia escolher uma de três opções no momento de registrar um sobrenome estrangeiro : ele poderia preservar a ortografia original, se ele soubesse como escrever o nome, ele poderia adaptá-lo às formas da língua de acolhimento, a qual foi a solução mais comum; ou ele poderia traduzir o sobrenome da língua original para a língua catalã (Peytaví: 2010:353-354).⁷ (JORDÀ, PUJADAS-MORA, CABRÉ, 2016:136) (trad.minha)

Ressalto que a investigação dos pesquisadores espanhóis é de natureza quantitativa e apresenta um estudo antroponomástico comparado relacionado a movimentos migratórios pretéritos. Atualmente, enquanto pesquisas comparadas motivadas pelo interesse de investigar

⁷ “(...) in the absence of a standardised onomastics a Catalan scribe could choose one of three options at the time of registering a surname that was foreign to him: he could preserve the original spelling, if he knew how to write it; he could adapt it to the forms of the host language, which was the most common solution; or he could translate the surname from the original language into Catalan (Peytaví: 2010: 353-354).”

os impactos dos processos migratórios na antroponímia também investigam a influência da política linguística adotada em cada país, como mostram as investigações de Walkowiak (2016, 2018b), outras se preocupam, especificamente, como a questão de saber como nomes próprios de origem estrangeira devem ser ou são incorporados às línguas oficiais de cada nação. Cumpre lembrar que os estrangeirismos podem ser decorrentes quer de situações de contato linguístico propiciadas por movimentos migratórios, quer pela influência de línguas e culturas hegemônicas.

A pesquisa de Havlík (2016) é um exemplo de como o estudo comparado dos sistemas antroponímicos tem aplicação prática no que diz respeito às políticas linguísticas nacionais. Havlík investigou, empiricamente, como os nomes próprios poloneses são pronunciados por pessoas da República Tcheca e pelos meios televisivos daquele país.

Os resultados mostraram que enquanto os respondentes leram a maioria dos nomes poloneses como eles são escritos, na mídia tcheca eles são pronunciados de acordo com a pronúncia original polonesa. Estes resultados conflitivos motivam que se questione se a ortografia dos antropônimos e topônimos poloneses deveriam ser ajustados de acordo com a ortografia checa. A possibilidade de ajustamento da pronúncia de acordo com a ortografia original, contudo, é bloqueada por diferenças na ortografia de cada língua. Nos casos em que a ortografia de um nome polonês é muito diferente da ortografia tcheca, os respondentes nem imaginavam como os nomes deveriam ser lidos (HAVLÍK, 2016: 41)⁸ (trad.minha)

Essa pesquisa comparada de natureza mais linguística que interdisciplinar é interessante por envolver línguas, países e culturas próximos: além de serem países fronteiriços, trata-se de idiomas originários de um mesmo grupo linguístico: o eslavo.

Pesquisa semelhante foi realizada por Jilková (2016) sobre como os cidadãos tchecos liam nomes próprios húngaros que são bem conhecidos no país e aqueles que apresentavam

⁸ “the results showed that the respondents read the Polish names mainly as they were spelled, while in the Czech media they were pronounced according to the original Polish pronunciation. These conflicting results beg the question whether the spelling of Polish anthroponyms and toponyms should be adjusted according to Czech orthography. The possibility of adjusting pronunciation according to the original spelling is blocked, however, by differences in orthography between the two languages. In cases when the spelling of a Polish name differed considerably from Czech orthography respondents had no idea how to read the name.”

alguma dificuldade de pronúncia. Sua pesquisa mostrou que, apesar de haver uma recomendação prescritiva segundo a qual nomes estrangeiros devem ser pronunciados segundo a língua original, na prática, quando se trata de nomes com sons mais difíceis de pronunciar ou nomes menos conhecidos, a tendência é a de a pronúncia seguir a grafia conforme a relação fonema- grafema da língua tcheca. Neste caso, tendo em vista que os países distam cerca de quinhentos quilômetros um do outro, trata-se de países de uma mesma região geográfica, porém, sem contato direto. Do ponto de vista linguístico, contudo, trata-se de línguas de famílias distintas, tendo em vista que enquanto a língua húngara faz parte das línguas urálicas, do grupo fino -úgrico, a língua tcheca é uma língua eslava.

A pesquisa de Štěpánová (2016) também foi realizada na República Tcheca, porém, é mais ampla que a anterior por integrar um projeto nacional que objetiva investigar e descrever como estrangeirismos, com inclusão de nomes próprios de origem estrangeiras são pronunciados pelos falantes nativos, além de oferecer orientação prescritiva sobre como eles devem ser pronunciados. As análises apresentadas são oriundas de dois bancos de dados: um de transcrição de falas transmitidas nos meios televisivos e outro de um centro de assessoria linguística que as pessoas podem consultar quando tem dúvida sobre a pronúncia de algum nome. O conjunto de nomes próprios do banco de dados do centro é abrangente e inclui nomes de diversas origens, inclusive nomes proveniente da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola que correspondem, cada uma, a 2% do corpus (ŠTĚPÁNOVÁ, 2016:182). Este contato linguístico com nomes próprios de diversas e variadas proveniências é explicado da seguinte maneira pela pesquisadora: “Devido à globalização, nós encontramos uma imensa heterogeneidade de nomes próprios provenientes de línguas estrangeiras, que são – do nosso ponto de vista – às vezes considerados <<exóticos>>” (2016, ŠTĚPÁNOVÁ:186).⁹ ” (trad. minha).

⁹ “Due to globalisation we encounter immense heterogeneity of proper names coming from foreign languages, which are – from our point of view – sometimes regarded as ‘exotic’.”

Também encontrei pesquisas que almejam a descrição de universais culturais. Sitkei (2018) mapeia o uso de nomes apotropaicos (nomes com significados pejorativos atribuídos para proteger os seus portadores dos maus espíritos) em diferentes épocas e culturas. Os registros mais antigos datam do Império Egípcio, de onde a prática se expandiu para os gregos e para os romanos. Há também indícios desta prática entre os húngaros, os povos antigos da Sibéria, da Mongólia, da China, do Japão, da Coreia, do Paquistão e também algumas regiões da Índia e da África. Todas as práticas relatadas se justificam na crença no poder mágico do nome e estão relacionadas ao desejo dos nomeadores de evitar a mortalidade infantil. Tendo em vista que sua pesquisa envolve a comparação entre muitas línguas, épocas e culturas, ela tende à descrição de universais culturais que subjazem às práticas nomeadoras.

Outra pesquisa de viés cultural é a TsepkoVA (2013). Sua pesquisa relaciona a cultura e a língua russas a duas culturas diferentes que compartilham o mesmo o idioma, a língua inglesa. Ela compara como são os apelidos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Sua base de dados consiste em pouco mais de 6.000 apelidos coletados em dicionários, *websites*, fóruns de *internet* e *blogs* nos quais havia discussões sobre o tema e na aplicação de questionários a 117 russos e 60 britânicos e estadunidenses. Em sua pesquisa, os apelidos foram concebidos como uma *realia* cultural, isto é, um objeto de uma realidade extralinguística, específica a uma cultura em particular e como o lexema que nomeia este objeto. Seu viés cultural e antropológico se revelam por suas perguntas de pesquisa: “1) Como os apelidos refletem a cultura? ; 2) que aspectos da cultura eles refletem? ¹⁰ ” (TSEPKOVA, 2013: 831) (trad. minha). Em consonância com o ponto de vista adotado, os apelidos são definidos como “uma *realia* linguística que nomeia uma *realia* extralinguística dos tipos material e mental ¹¹ ” (TSEPKOVA, 2013: 831) (trad. minha).

¹⁰ 1) how do nicknames reflect culture? 2) what aspects of culture do they reflect?

¹¹ nicknames can be treated as linguistic realia naming extralinguistic realia of material and mental types

Entre os resultados alcançados, destaco dois por evidenciarem a relação entre nomeação, língua e cultura e esclarecerem que entrevistas a russos foram feitas por a língua e a cultura russas terem, na pesquisa, a função de servir como parâmetro de comparação. Algumas vezes, um mesmo apelido foi registrado em todas as amostras, ou seja, era usado por britânicos, estados unidenses e russos, porém com significados diferentes. Este é o caso do apelido *Mop* em inglês e *Svabra* em russo. Apesar de os substantivos comuns fazerem referência a um tipo de vassoura para lavar o chão, os objetos são visualmente diferentes por diferenças de *design*. Enquanto, na língua inglesa, uma pessoa apelidada de *Mop*, o é por causa de seu cabelo, em russo, o apelido indica que a pessoa é muito magra. (TSEPKOVA, 2013:834). Outro exemplo é o apelido *Chicken* (galinha) : nas culturas de língua inglesa estudadas, o animal é usado para descrever pessoas covardes, já, na língua russa, o mesmo animal é usado para descrever pessoas pequenas, que falam em voz baixa e são avaliadas como sendo tímidas e desamparadas (TSEPKOVA, 2013: 835).

Como mostram as pesquisas brevemente descritas, na subárea da Antroponomástica Comparada, há várias possibilidades investigação. Sob um viés aplicado, há investigações motivadas pela necessidade de tradução de textos, de ensino de línguas estrangeiras ou de resoluções de questões linguísticas surgidas em decorrência de movimentos migratórios. Também há investigações sobre a questão da escolha do prenome em contextos migratórios e outras nas quais a comparação se reveste de propósitos menos práticos voltados à relação entre língua, cultura e representação de mundo ou cosmovisão numa busca daquilo que se pode considerar como específico de uma língua ou cultura e daquilo que remete a práticas e valores universais.

Neste contexto, as pesquisas que tenho realizado transitam por algumas dessas possibilidades. No âmbito dos estudos comparados motivados por movimentos migratórios,

realizei um estudo exploratório sobre a constituição linguística de nomes de descendentes lituanos no Brasil com dados recolhidos de grupos fechados de *Facebook* (SEIDE, 2018). Pesquisa semelhante envolvendo a antroponímia feminina também foi realizada (SEIDE, 2020). Petrulionė e eu fizemos um estudo comparativo do repertório de nomes masculinos mais populares no Brasil e na Lituânia, tendo por base dados estatísticos disponíveis em sites institucionais de ambos os países, numa proposta de cotejo de sistemas antroponímicos distintos pouco relacionados entre si do ponto de vista linguístico e geográfico (SEIDE & PETRULIONĖ, 2018).

Com propósito semelhante, realizei com a mesma pesquisadora um estudo exploratório sobre os usos de hipocorísticos como prenome em ambos os países, com base em dados estatísticos institucionais disponíveis *on line* (Seide & Petrulionė 2020). Outra pesquisa realizada envolvendo esses países foi realizada com Amaral. Fizemos um estudo exploratório mais voltado a questões antropológicas e culturais no qual foram comparados os campos semânticos de prenomes derivados de substantivos comuns na língua lituana e na língua portuguesa do Brasil com base de dados gerados via enquete por Facebook (SEIDE & AMARAL, 2018). Outro estudo exploratório foi realizado comparando-se línguas e culturas mais próximas. Desenvolvi com Frai um estudo comparado de línguas e culturas próximos no qual comparamos o uso de um mesmo elenco de prenomes na Espanha e no Brasil com base em dados estatísticos oficiais de ambos os países (SEIDE & FRAI, 2019). Os resultados dessa pesquisa evidenciaram que, para a antroponímia masculina, há resultados mais convergentes do que aqueles alcançados pela comparação das antroponímias brasileira e lituana.

Considerando as 23 pesquisas citadas neste artigo, dos quais 17 são trabalhos completos apresentados em Anais e 6 pesquisas publicadas em artigo científico ou apresentada em evento científico, é possível delimitar e caracterizar a área da Antroponomástica Comparada conforme os seus objetos de estudo.

Começando pelo nível mais geral e abstrato, há as pesquisas de cunho mais antropológico e universal que objetiva a apreensão daquilo que se pode considerar como características comuns a diferentes práticas nomeadoras envolvendo duas ou mais línguas e culturas (TSEPKOVA 2013, SITKEI 2018, SEIDE & AMARAL 2018). Outras pesquisas focam as consequências antroponímicas de contato linguístico e cultural (WALKOWIAK 2018b).

A maioria das pesquisas, contudo, está relacionada ao contato linguístico advindo de movimentos migratórios, incluem-se, entre elas, aquelas que fazem estudos comparados tendo em vista a criação e/ou avaliação de políticas linguísticas nacionais. Também há aquelas motivadas pela necessidade de traduzir nomes próprios de um idioma a outro e de ensino de aspectos gramaticais dos nomes próprios em língua estrangeira e aquelas que comparam repertórios de prenomes em línguas e países diferentes sem levar em consideração eventuais contatos linguísticos. Tais pesquisas podem envolver línguas mais próximas como o espanhol mexicano e o francês e o espanhol europeu e o português do Brasil ou mais distantes como o português do Brasil e o lituano.

A avaliação epistemológica das pesquisas mencionadas nesta revisão de literatura resultou na identificação de sete subáreas dentro da Antroponomástica Comparada. O quadro a seguir descreve-as e informa a qual delas cada uma das pesquisas descritas ao longo deste artigo está relacionada.

Quadro1. Subáreas da Antroponomástica Comparada

Subáreas	Pesquisas
1) Estudos aplicados à tradução	Gudurić (2014)
2) Estudos aplicados ao ensino de Língua Estrangeira	Mutsukawa (2014)
3) Pesquisas que comparam repertórios antroponímicos	López-Franco (2014), Seide & Petrulionė (2018), Seide & Frai (2019)
4) Pesquisas que relacionam língua, história e cultura	Shokhenmayer (2016), Walkowiak (2016), Walkowiak (2018b), Jorda, Pujadas-Mora & Cabré (2016)
5) Pesquisas sobre inclusão ou presença de estrangeirismos antroponímicos em repertório antroponímico nacional	Frändén (2016), Havlík (2016), Jilková (2016), Štěpánová (2016)

6) Comparação de línguas e culturas não relacionadas entre si (universais antroponímicos)	Sitkei (2018), Tsepkova (2013), Seide & Amaral (2018), Seide & Petrulionè (2020)
7) Pesquisas motivadas por processos migratórios ou por presença de línguas minoritárias em âmbito nacional	Bramwell (2016), Szabó (2018), Walkoviak (2018a), Seide (2018a, 2020).

As áreas de estudo descritas no quadro 1 mostram a riqueza dos estudos comparados em Antroponomásticas decorrente da diversidade de motivações pelas quais os pesquisadores escolhem dedicar-se a este tipo de investigações. Muitas vezes, o viés comparado surge de uma necessidade prática como é o caso das situações multilíngues e complexas na quais sociedades, suas línguas e culturas são postas frente a frente como consequência de movimentos migratórios; é preciso traduzir um texto de um idioma a outro, o que inclui os nomes próprios de pessoas; ou há o ensino de uma língua estrangeira e seus antropônimos. Há também os estudos que comparam sistemas antroponímicos independentes entre si com o propósito de perscrutar semelhanças, diferenças e possibilidades antroponímicas e comparar línguas e culturas. Se bem tenha abrangido um número considerável de artigos, a descrição do estado da arte da Antroponomástica Comparada que se tentou fazer neste artigo, não esgota as possibilidades de estudo., apenas apresenta algumas perspectivas de pesquisa.

Recebido em 29/04/2020
Aceito em 17/06/2020
Publicado em 29/07/2020

Referências

- Bramwell, E. S. (2014), Personal Naming and Society: A comparative study of disparate communities. *Actes del XXIX Congrès Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*. Annex. Secció 5, 712-718. DOI: 10.2436/15.8040.01.74
- Frändén, M. (2016) Surnames in the Melting Pot: Presentation of a Project on Surnames and Immigration. *Proceedings of the 25th International Congress of Onomastic Sciences*, Glasgow, 233-236, 25-29 August 2014. Vol.4. Carole Hough and Daria Izdebska (eds). First published 2016 by University of Glasgow under Creative Commons licence. Disp. em

from < http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v4_313.pdf>.. Acesso em 09, julho, 2019.

Gudurić, S. Adaptation et transposition des noms propres du Français en Serbe. *Actes del XXIV Congrés Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*. Annex. Secció 3, 2014, 327-334.

Havlík, M. (2016) Can Czechs Read Polish Names? Problems with the Adaptation of Foreign Anthroponyms and Toponyms. *Proceedings of the 25th International Congress of Onomastic Sciences*, Glasgow, 41-50, 25-29 August 2014. Vol.4. Anthroponomastics. Carole Hough and Daria Izdebska (eds). First published 2016 by University of Glasgow under Creative Commons licence. Available from < http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v4_313.pdf>. Access on 17, Nov., 2017.

Jílková, L. (2016) Pronunciation of Hungarian Proper Names in Czech. *Proceedings of the 25th International Congress of Onomastic Sciences*, Glasgow, 60–68, 25-29 August 2014. Vol.4. Carole Hough and Daria Izdebska (eds). First published 2016 by University of Glasgow under Creative Commons licence. Disp. em from < http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v4_313.pdf>. Acesso em 09, julho, 2019.

Jordà, Joan Pau, Joana Maria Pujadas-Mora and Anna Cabré (2016) Surnames and Migrations: The Barcelona Area (1451-1900), *Proceedings of the 25th International Congress of Onomastic Sciences*, Glasgow, 313-324, 25-29 August 2014. Vol.3. Carole Hough and Daria Izdebska (eds). First published 2016 by University of Glasgow under Creative Commons licence. Disp. em from < http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v4_313.pdf>., 131 – 141. Acesso em 09, julho, 2019.

López Franco, Y.G. Comparaison des prénoms attribués en 1970 et 1975 dans deux communes romanophones : Tlalnepantla de Baz au Mexique, et Montpellier en France.

- Une approche socioanthroponymique. *Actes del XXIV Congrès Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*. Annex. Secció 5, 821-832, 2014.
- Mutsukawa, M. Phonological and Semantic Gender Differences in English and Japanese Given Names. *Actes del XXIV Congrès Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*. Annex. Secció 3, 370-377, 2014.
- Seide, M. S. (2016). Métodos de pesquisa em Antroponomástica. *Domínios De Linguagem*, 10 (3), 1146-1171. <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-19>
- Seide, M. S. (2018a). Antroponímia e imigração: os nomes de brasileiros descendentes de lituano. *Web Revista SOCIODIALETO*, 7 (21), 52-81. Recuperado de <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/55>
- Seide, M. S. (2020). Antroponímia, diáspora y migración: los descendientes de lituanos en Brasil. *Onomástica desde América Latina*, v.1, n.1, 97-117.
- Seide, M. S.; Amaral, E. T. R. (2018) A translação de nome comum a nome próprio na antroponímia feminina da Lituânia e do Brasil: um estudo exploratório. *XXXIII Encontro Nacional da ANPOLL*. UFMT, Cuiabá, MT, Brasil.
- Seide, M. S.; Frai, P. H. Antroponímia Comparada: um estudo sobre os nomes inovadores na antroponímia da Espanha e do Brasil. *Afluente: revista de Letras e Linguística*. UFMA/Campus III, v.4, n.12, 64-86, maio/ago. 2019.
- Seide, M. S.; Petrulionè, L. (2020). Formation and usage of hypocoristic forms in Brazilian Portuguese and Lithuanian. *Revista Alfa*. vol. 64, p.1-27.
- Seide, M. S.; Petrulionè, L. (2018). Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of Usage of Lithuanian and Brazilian Masculine Anthroponyms. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26(3), 1201-1226. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1201-1226>.

- Shokhenmayer, E. (2016) Comparative Study of the 100 Most Frequent Russian, French, German and British Surnames. *Names and Their Environment. Proceedings of the 25th International Congress of Onomastic Sciences*, Glasgow: 221-232, 25-29 August 2014. Vol. 3. Anthroponomastics. Carole Hough and Daria Izdebska (eds). First published 2016 by University of Glasgow under Creative Commons licence. Disp. em <http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v3_221.pdf > Acesso em 17, Nov, 2017.
- Sitkei, D. 2018 Apotropaic names in different cultures. *Onomástica Uralica*, v.13, 211-223. Disp.em < <http://mnytud.arts.klte.hu/onomural/kotetek/ou13a.html>>. Acesso em 02, Jun., 2020.
- Szabó T, A. M. U. (2018). Bilingualism: binominalism? *Onomástica Uralica*, v.11, 17-30. Disp. em <http://mnytud.arts.unideb.hu/onomural/kotetek/ou10a.html>. Acesso em 08, julh., 2019.
- Štěpánová, V. (2016) How Should These Names Be Pronounced? Specific Phonetic Features. *Proceedings of the 25th International Congress of Onomastic Sciences*, Glasgow, 179-186, 25-29 August 2014. Vol.4. Anthroponomastics. Carole Hough and Daria Izdebska (eds). First published 2016 by University of Glasgow under Creative Commons licence. Disp.em < http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v4_313.pdf >. Acesso em 17, Nov., 2017.
- Tsepkova, A. (2013). Nicknames and culture: Analysing anthroponymic nicknames, reflecting cultural realia. *Name and naming. Proceedings of the Second International Conference on Onomastics “Name and Naming”*. Onomastics in Contemporary Public Space, 821-838. Disp. em < http://onomasticafelecan.ro/iconn2/iconn2_proceedings.php> Acesso em 09, jul., 2019.

Walkowiak, J. B. (2016) Lithuanisation of Personal Names of the Polish Minority in Lithuania. *Proceedings of the 25th International Congress of Onomastic Sciences*, Glasgow, 313-324, 25-29 August 2014. Vol.4. Anthroponomastics. Carole Hough and Daria Izdebska (eds). First published 2016 by University of Glasgow under Creative Commons licence. Disp. em < http://www.icos2014.com/wp-content/uploads/icos2014_v4_313.pdf>. Acesso em 17, Nov., 2017.

Walkowiak, J. B. (2018a) Personal Name Policies in Europe in the Context of Globalization. *Onomástica Uralica*, v.10: 295-308. Disp. em < <http://mnytud.arts.klte.hu/onomural/kotetek/ou10a.html>>. Acesso em 02, Jun., 2020.

Walkowiak, J. B. (2018b) Lithuanian anthroponymic heritage in Poland. *Onomástica Uralica*, v.12, p.17-30. Disp.em < <http://mnytud.arts.klte.hu/onomural/kotetek/ou12a.html>>. Acesso em 02, Jun., 2020.